

**EDITORIAL A VOZ DOS
PERSONAGENS CRONICA
SIGA OS SEUS SONHOS
ENTREVISTA ONDE CANTA
O SABIA REFLEXAO SER(ES)
POLITICO(S) NOS PALCOS
DA VIDA EXPRESSOES
AFRICANAS EU DESCONHECO
ESSE RITMO HUMOR O
FAZEDOR DE RISOS NA
TERRA DO HUMOR DANDO
O AR DA GRAÇA PERFIL
MALABARIZANDO A VIDA**

IMPRESSÕES

Jornal Laboratório produzido pelo 7º Semestre do Curso de Jornalismo da UFC • Agosto 2018

da arte

Impressões da Arte
PERSONAGENS

Jornal Laboratório produzido pela turma
do 7º semestre do Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Ceará

As opiniões expressas em artigos assinados são de
responsabilidade de seus autores.

Quer opinar sobre o **Impressões**?
Envie suas críticas, sugestões ou denúncias para nosso
e-mail: impressoesdaarte@gmail.com

**REPRESENTATIVIDADE FEITO
POR MULHERES VIDA UTIL O
INICIO O FIM E O MEIO ARTE
CORPORAL O QUE RETRATA
A ALMA ESTILO DE VIDA**



SEGUNDA EDIÇÃO • PERSONAGENS

SUMÁRIO

Entrevista

Onde canta o sabiá

Reflexão

Ser(es) político(s) nos palcos da vida

Expressões Africanas

Eu desconheço esse ritmo

Humor

O fazedor de risos na terra do humor dando o ar da graça

Perfil

Malabarizando a vida

Representatividade

Feito por mulheres

Vida Útil

O início, o fim e o meio

Arte Corporal

O que retrata a alma

OM BUDS MAN

Por Dellano Rios

O trunfo inicial desta edição do jornal Impressões é sua própria escolha temática. Fazer jornalismo dedicado ao campo cultural merece ser celebrado. Na última década, se viu uma redução de espaço para a pauta, nos jornais e sites generalistas, e o quase total desaparecimento das revistas especializadas. A internet se constituiu um ponto de resistência, mas com disposições ambíguas, onde o jornalismo muitas vezes se deixa seduzir pelos clics fáceis ou deixa de ser o que é, de braços dados com novos tipos de publicidade na era dos influencers.

Acerta-se também ao, propositadamente, privilegiar uma pauta plural, com práticas e personagens que, em geral, resistem à margem da divulgação profissionalizada. Bem como a

equipe criativa de sua parte visual. Design, fotografia e ilustrações fazem sua parte e são generosos com seu companheiro de página: o texto. Mas há, como em todo jornalismo, os deslizos, que são justificáveis quando se abre à crítica responsável e tornam-se oportunidades de aprendizado.

Rita de Cássia, a personagem da entrevista dessa edição, é bem conhecida de um público especializado, mas precisava ser melhor apresentada ao leitor que eventualmente não é familiarizado com o universo do forró. Quem a gravou? Quais sucessos emplacou como intérprete? Quando se deu seu auge? Como administra seus direitos autorais?

São questões que precisam ser respondidas, de preferência no começo do texto, até mesmo na abertura do pingue-pongue de perguntas e respostas, a tempo de capturar o leitor que ainda não foi conquistado.

Na matéria “Feito por mulheres”, as autoras se solidarizam com as artistas prejudicadas pelo machismo estrutural, mas deixa de registrar sua progressiva desmontagem e de explicitar como ele se dá. Afinal, os efeitos nocivos são sentidos não apenas nos domínios criativos. O debate não é tão simplista quanto em “O

início, o fim e o meio”, que fala sobre a hora de parar de artistas, mas ignora a dimensão econômica do problema. Arte e cultura são, com frequência, profissões, geram renda e vive-se delas (como se vê em “Malabarizando a vida”, nessa mesma edição).

Ao fim do texto, oferecem ao leitor uma lista autoras para se conhecer, todas elas mulheres brancas, na contramão do alerta dado sobre a importância da representatividade que acabaram de escrever. Também faltou, em “Eu desconheço esse ritmo”, problematizar a prática do grupo Branquelas Produções, citado no texto. No contexto das músicas de matriz africana e negra, há se indagar sobre processos como de apropriação cultural e mesmo de racismo.

Numa tendência à imersão nas histórias, a maioria dos autores descreveu seus encontros, os ambientes das entrevistas e, em alguns casos, as próprias sensações. A rigor, não há nada de errado nisso, mas é preciso estar atento para escapar de fórmulas que, num produto coletivo, podem se repetir à exaustão. Mas deve-se evitar a competição entre a informação e o impressionismo. Vide o caso de “Malabarizando a vida”, em que reportagem começa, para valer, só no quarto parágrafo.

EXPEDIENTE

Helôisa Vasconcelos
EDITORA DE REDAÇÃO

Sâmia Martins
EDITORA DE ARTE

Andressa Gonçalves, Beatriz Carvalho, Caio Vitor, Carmem Fortes, Carolina Mesquita, Fabrício Girão, Felipe Klisman, Grasielly Sousa, Ideides Guedes, Karoline Gomes, Karoline Tavares, Larissa Medeiros, Lorena Fonseca, Rodrigo Aparecido, Suzana Mesquita, Sabrina Teixeira, Wladiane Silva
REPORTAGENS

Alexandre Valério, Débora Nogueira, Isabela Santana, Ítalo Cosme, Sâmia Martins
PLANEJAMENTO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alexandre Valério, Isabela Santana, Sâmia Martins
PROJETO GRÁFICO

Débora Nogueira
ILUSTRAÇÕES

Alexandre Valério e Sâmia Martins
CAPA E SUMÁRIO

Gabriela Ramos
ORIENTAÇÃO

Impressão: Imprensa Universitária
Fechamento: 12 de Agosto de 2018
Tiragem: 300 exemplares

Curso de Jornalismo
Instituto de Cultura e Arte da UFC
(85) 3366.7708/7710
www.jornalismo.ufc.br

As opiniões expressas em artigos assinados são de responsabilidade dos seus respectivos autores.
All vectors files used in this edition was designed by Freepik.
www.freepik.com

IMPRESSO NO BRASIL

remolorumque accus dolor reptini hitatur rept
Em: Et doluptate volor autem ium volum sandipit, sum num
utem inis eri susam fugitas venissu mquassi andi non ea
ad cus conest, omniminis ducit aliquae coerercia di tem. Luptatate;

Para existir arte, tem que ter gente. É gente que faz e que consome arte. A arte é feita de gente. É por isso que a segunda edição do **Impressões da Arte** engloba os personagens do fazer artístico, os atores que se põem no palco, no papel ou em telas para mostrarem seus dons. Essas figuras emanam histórias — vividas, contadas, sentidas — que geralmente se expressam no produto final, em acordes, em traços ou em movimentos. O **Impressões** toma por missão contar uma parte, ainda que ínfima, delas.

Artista não é só Monet, Dalí ou Picasso. Artista não está só na França, em Londres ou nos livros empoeirados de história da arte. Os artistas se encontram nos locais menos esperados e menos valorizados. Não, não é só quem tem seu trabalho exposto em galeria que é artista. Esses personagens também estão nas ruas, no trânsito, no semáforo vermelho. Eles jogam para cima e malabarizam sonhos, esperanças e bolas. Às vezes, até facas, como no caso de Gabriel Gadelha, artista de rua fortalezense.

Essa edição tem gente que inscreve na pele sentimentos e histórias por meio da tatuagem. Que, por meio do traço da agulha bailante, deixa um pouco de si no outro e um pouco do outro em si. Uma arte que pode não viver para sempre na história, mas que é eterna para quem a tem gravada em si.

Tem gente que ultrapassa barreiras às vezes impostas pela vida para poder expressar sua arte. Não é só a bailarina nova e esguia que dança: essa gente prova que não existe idade para fazer arte. Nem forma, nem cor, nem raça. As luzes do palco podem se apagar para o personagem, mas resta a ele lutar por outro ato ou aceitar as palmas do fim do espetáculo.

Tem artista que transporta sua arte para além de fronteiras. Que atravessa o Atlântico, mas mantém o rebolado africano. Que manifesta o fazer artístico no toque do ngoma ou da dikanza, independentemente do local. Que carrega consigo, nos passos e gestos, a cultura de onde quer que seja para onde quer que vá.

Gente que grita arte pelos pulmões, por, além de artista, ser ser político. O artista opina e sua arte também. Protesta, luta... e também se cala. Cabe a ele dar a voz de denúncia sobre o que acontece no mundo. Tem gente que luta para conseguir visibilidade nos palcos da vida. Tércias e Natálias podem ser vistas na literatura e no cinema após épocas de arte no escuro.

Tem artistas que riem e que fazem rir. Que provocam risadas gostosas na mais sisuda plateia, daquelas que arrancam até lágrimas dos olhos. O famoso humor nordestino se faz presente nesta edição do **Impressões**. O Nordeste também se traz no forró, na entrevista com a cantora e compositora Rita de Cássia. Tem forró pé-de-serra para dançar agarradinho.

Artista é gente como a gente, só que com arte correndo nas veias. Esse personagem do cotidiano pode estar disfarçado ao seu lado na fila do supermercado ou no palco, vestido, pintado, caracterizado. Artista é gente!

E a arte não existe sem gente, reitero. E tem gente que não vive sem arte. É dessa simbiose que falamos nesta edição. Ligamos os holofotes, apontamos para o centro do palco e deixamos que os personagens falem. Dolupid utestrum erferro voluptat. Ullesci mendes aliqui ut as ioptat nsequam que nossus. Em. Et doluptate volor autem ium volum sandipit, sum num ditatem utem inis eri susam fugitas venissu mquassi andi non ea aci cus conest, omniminis ducit aliquae coerercia di tem. LuptatateOfficiate pro molorrunt velestis nus essequa tuscia apicento berchilis est, omniand itamus maxim ant quam, qui con pelignatis dem dolores cipicid quaes evenim im quaerit dolor ma consedi tionseq uation remolorumque accus dolor reptini hitatur rept

Duciditas con parchil laccatem. Tur ressunt ullum laborion nam, sit aciis none et velicias et harci non nonsercid ellorib uscipsum eicillo reperit vellupt assitem harios magnatisin paritame enis velicipsa nossin et es quis endaeria volore ne conem re dolorpore asperis tiatisitae dolupta eriatu, optaerio. Iquate plicius estem re pore, nimolorerunt magniendelic to dunt est et esed qui aut alia dolorem soluptas quis qui dollutem con eos sum aris re idesti simposam, il ius eatibusdam si del ipisqui dolorpo ratem. Itat.

Sus cus, nimpos in preest vitiae. Ut quantibus imporesed que reperciat voluptae aceperiat is utectat expent maio dolorum ipid quis molupta temquantur si comnihilic te volupta spernatur, consecus, quo berum assus.

Tectur am, nobit as es deliquam eveniet occaero que preiur, sam dis sequia sequia nem quatiorem ersperia laccum quodion sectur aut ipsantur aut ex estist, sundae volupti beatemp oreceptaquo dende se- que onas vent.

est laut venem dolor am re pres ium commis dolupta ut mi, cor sae eum si tecatur, quae im ut omniscius mpa quiditat ut ab iunt porchendi sit aut hitate resciam ut lit psape aut aut ut aut moluptur aut pa dolupta simus, ape ciatur, sentusam alitiumque reptatur as et accat fugitio quat? Emquid magnist, conse con nam exeris earun

EDITORIAL DE REDAÇÃO

Por Heloísa Vasconcelos

qui adi des solupta inciais aut aspe rreppit hitatur re
et faci noneturbus eos ist quantin rem quibero berro consequi no-
bita vent lant doluptae voluptat occupatas viduci tem ut vendaeab
initinum remolor ruptusd andiore pa ciciatios si derro doloreprat
lam alitis etur re vidus deles simi, eatissimin
nestem comnihi lliquam ut incieni ditem sit,
aut doles ne volupie nducipsam, occus ex-
cereius.

Et hitatust excerae coribus venim reprateni derehendit quas volo quam, odistiunt beribus dolut landendusda voluptu ducilia sperita turempo ribus, quae nobis et init estuur, nonsequidi occae velibusae quis nimporp orruptas dempore riatibeatin nostibus sit adis et rem esequat uresequiae nonsequi ipsa doluptis etur alibus aut quisit alis as ese volorio reptatur, quaerfe ribusam utem. Ciiscitatiois untorest ant etur sendene mporatate ditem exerem nonsequam et re molo quate quias nisquibusam ist eum dis molorum aria dolorepre cum aliquo quibus est volupta tatectur re voloreribus, conecus, custo ommodit officipsam nihicatur, sed maximpedis nihitas sentem eum ation ent es doluptati autenisquis nescipi dendit equi aut ut aut alique occatest et aboreped ut ut ipsus ex eles et ut pa quo ipsape pore magnis esedipsam, id quiam quo duntin pore, volores sinum ea quatur, volut omnimin ciissunt di diae ni tem quates iminis quate optis et laut volupta splitiae aute sed quatis eremque esto que porumque dolut restia cus nustium sedi suntota;

Ferchit iureic temquia quissunto optatiam si que aborectur, num quis il mi, ut ra veliquis nonserrum audae pore, unti dignis cullamus voluptur? Optate volorrovid ut rescime nditem eati bla sant enim eum nat quidit remporum adit quo omnimolorro int. aut doles ne volupie nducipsam, occus exercereius.

Quem nunca assistiu aquele filme que mudou o sentido da vida, os caminhos a trilhar? Ou aquele que mudou a forma de enxergar as coisas? Ou mesmo aquele que mudou a forma de pensar o futuro? Aquele que mudou, sabe? Que inspira e motiva. Um espetáculo, uma poesia, uma música, um livro, uma imagem ou o que preferir.

O engraçado, e talvez um tanto clichê, é que essa mudança tem muito a ver com o autoconhecimento. Buscar o que nos faz feliz, correr atrás dos nossos sonhos! É como uma perdição dentro de si, numa aventura que te levará ao Vale Encantado de saber e amar quem se é.

Olhar para o futuro sempre me deu sede de fazer as malas e cruzar horizontes, embora as marcas sociais, culturais e econômicas que me foram impostas tão arbitrariamente há séculos já podassem cruelmente um coração aos 13 anos - e bem antes disso.

Sentada no sofá ou deitada na cama, já desejei ser diversas personas e viver diferentes enredos na companhia de longas horas de Sessão da Tarde. Os dramas e as aventuras, embora muitas vezes importados de uma realidade utópica para uma menina de periferia, conseguiram deixar marcas. E a maior delas foi a transformação.

Nada gerava mais prazer do que a hora em que, depois de quase desistir, a protagonista tinha um estalo (um tanto mágico, um tanto óbvio) e virava noites trabalhando naquele projeto que iria resolver tudo no final. De tão aliviador, era quase palpável o afago na alma. A prova irrefutável de que vai dar certo, sim! Basta segurar as pontas que tudo tem jeito. Sempre tem, até você.

Escrever o roteiro, montar o palco, vestir o figurino e ser personagem da própria história acaba sendo tão assustador quanto libertador, porque na vida real é tudo ou nada. Ninguém é feliz em quase conseguir. Estou quase, estou quase... E agora não mais. É broxante.

Apesar da frustração, o quase êxito consegue acender mais faíscas de “calma, estou quase lá” do que de “tudo bem, até que tentei”. E que bom. Embora não seja fácil acreditar que a felicidade está a apenas um passo, que basta levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima (mais uma vez), assim como poetizado eternamente na voz de Beth Carvalho. Mas o que seria gozar o pote de ouro no fim do arco-íris sem a jornada?

Entre tentativas, tropeços, decepções, conquistas e alegrias sigo sem muitas certezas e cada vez acreditando menos que no fim tudo se resolve. Longe de mim falar de meritocracia, mesmo. Mas o que a vida de recém-adulta conseguiu mostrar é como a distância até os sonhos se baseia na intensidade em que acreditamos em nós mesmos.

Somos nós por nós, cuidando e colocando no colo sempre que der. Somos nós sem pressa, num tempo muito próprio. E ainda sim com empatia e solidariedade. Não há egoísmo em não se maltratar. Pelo contrário, há muita beleza, é revolucionário.

— Siga os seus sonhos! — exclama ainda um tanto tímida uma voz dentro de mim. Acho que já é tempo de aumentá-la no máximo e deixar tocar.

Aciam fugitiam ius. At istis volor sa quam consequia quo impos rerum volorem porrum is et ut hiciditam ipit eos ducillatit conessitam ent lacculparit aliquatus.

Hent aut et ut vellupt istibus andunt as pratur magnatu reperferum ea sunt ulpa dent veliquam voluptis eatis doluptatur, as esequide voluptatem quaeab ipiendis es es ma sunt, quis ipid ut

CRÔNICA

Por Sâmia Martins

ONDE CANTA O SABIÁ

Mais de 500 composições depois, a maior compositora de forró do Brasil continua na luta pela poesia na música e o espaço da mulher no forró

Fabício Girão
 Lorena Fonseca
Entrevista

Isabela Santana
Diagramação

Débora Oliveira
Ilustração

Rita de Cássia Oliveira dos Reis é sabiá natural de Alto Santo, interior do Ceará. Veio ao mundo no dia 8 de agosto de 1972 e cresceu influenciada pelo sertão e pela arte. Ouvia o pai tocar as canções de Luiz Gonzaga na sanfona, observava a mãe escrever belas poesias e via os tios vaqueiros cuidarem do gado enquanto brincava livremente em sua cidade do Baixo Jaguaribe, a 240 quilômetros de Fortaleza.

Cresceu e começou a escrever poesias que refletiam sua forma de ver o mundo. Poesias que transbordavam o sertão, suas figuras e lugares, e que tinham o amor como personagem quase obrigatório. Esses textos apaixonados se transformaram em músicas, que foram ganhando o Ceará, coração por coração.

Dona de sucessos como *Meu Vaqueiro*, *Meu Peão*, *Brilho da Lua* e *Saga de um Vaqueiro*, Rita de Cássia escreveu mais de 500 músicas e abriu uma porta para que as mulheres pudessem lutar por seu espaço no forró. Hoje, ela colhe os frutos de seus inúmeros sucessos e trabalha ativamente como cantora e compositora, lutando pelo que ela acredita ser um forró poético e pela valorização do trabalho do compositor.

>> Como era a vida em Alto Santo, quando tudo começou?

A minha vida em Alto Santo foi muito simples. Filha de pai agricultor, pescador, analfabeto. Minha mãe é professora. Éramos 12 irmãos. Parte dos meus irmãos trabalhava com o meu pai. Meu pai também tocava sanfona. E eu, muito novinha, estudava, fazia parte do grupo da Igreja

“

A arte é algo que diz respeito ao sagrado, e isso nunca pode ser esquecido. Se a gente cobra um cachê (...), isso não pode deslegitimar o fato de que fazer arte é algo do campo do sagrado.

- Rita de Cássia, compositora

”

Católica. Muita liberdade, de poder estar em contato com a natureza, de tudo que você pode no interior. Eu lembro que a minha vida, quando eu era criança, era brincar com os pássaros, tomar banho de chuva, era essa coisa mesmo de interior. Cantar na igreja também foi o meu primeiro contato com o microfone. Às sextas-feiras, eu cantava no colégio, porque tinha as horas cívicas, né? Onde você cantava para a bandeira, toda aquela coisa. E a minha família, da parte de mamãe, meu tio era vaqueiro, meu avô era vaqueiro. Gostavam muito de fazer aquelas cantorias. E da parte de meu pai era sanfona. Pai de papai, meu avô, era sanfoneiro também. Então já havia essa junção. Meu irmão começou tocando guitarra em uma banda. Ele vivia direto com violão lá em casa, e a gente ouvia muita música, era uma confusão por causa do rádio. Esse amor pela música foi muito cedo, porque eu ouvia meu pai tocando as músicas de Luiz Gonzaga. E eu sempre gostei muito de poesias também como mamãe.

>> Como a sua vida no interior influenciou as letras nas suas canções?

Quando eu comecei a cantar, existiam poucas cantoras de forró. Aí eu: “eu vou fazer as minhas músicas para colocar na banda”. Só que eu não dizia que era minha, eu dizia que era de outros artistas. Acho que o pessoal nem acreditava que era minha. Naquela época, eu via muito o jovem escutando música internacional. A gente não entendia nada, mas a melodia era muito boa. Naquela época, era a época das tertúlias, que todo mundo ia dançar agarradinho. Eu falei: “eu vou tentar buscar uma melodia legal e com poesia falando de amor. Eu acho que vai dar certo”. A primeira música que eu coloquei no repertório foi *Brilho da Lua*, que foi um grande sucesso. As bandas começaram a aprender lá perto de onde a gente tocava, a música chegou em Fortaleza. Depois, veio *Sonho Real*, foi outra também que deu certo. A ideia era essa falar de amor em forma de poesia com uma melodia bacana.

>> Em que momento você decidiu perder a timidez e assumir que as músicas eram suas?

Quando eu vi que iam tomar. Teve um momento que *Brilho da Lua* chegou a Fortaleza e foi na época que o Mastruz com Leite estava surgindo. Quando Mastruz surgiu, eles viram essas músicas e ninguém sabia de quem era. Escutaram no repertório e botaram para tocar na rádio. Só que saiu na rádio “ah, Mastruz com Leite”. E eu falava “Não é do Mastruz com Leite, pessoal. É minha”. E ninguém acreditava, eu fiquei apertada. Liguei para a FM, na época, era a 93. Aí eles: “você quer dinheiro? Você quer o que?”. “Não, é a música que vocês estão tocando aí, vocês estão dizendo que a música é de vocês, mas ela é minha”. Aí passaram para a secretária, passaram para não sei quem, chegou no Nogueira, eu acho que ele era diretor geral. Aí o Nogueira: “não, não se preocupe que eu vou falar com o Emanuel Gurgel”. Localizaram o Emanuel (Gurgel), que era o dono do Mastruz, mas foi bem bacana. Falou com o meu irmão. Porque eu não sabia nem o que eu ia dizer. Eu só estava chateada porque eu estava perdendo a música. Meu irmão falou: “Emanoel, essa música aí, nós queríamos gravar, mas nós não temos condições. Digam, pelo, menos, que a música é dela. Dê um alô para ela”. Pronto. O Emanuel levou Kátia Cilene (cantora da banda) para o estúdio, gravaram a música e disseram que era minha. “Um alô para a Rita de Cássia, autora dessa música”. Fiquei feliz só com esse alô.

>> Nos anos 1990, essas músicas como *Brilho da Lua* e *Meu Vaqueiro*, *Meu Peão* estouraram. O que isso mudou na sua vida?

Meu Vaqueiro, *Meu Peão* fez 25 anos agora. Falar de vaqueiro era o meu mundo, era o meu estilo. Então, mudou totalmente. Era uma novidade, de certa forma, eu queria muito, mas eu não tinha certeza o que ia acontecer. Quando a gente se reunia, os jovens, naquela brincadeira da verdade, “o que você quer ser?”, eu dizia: “uma grande compositora”. Mas não imaginava que Deus estava ouvindo tudo.

>> Na época dessas músicas para hoje, o que mudou no forró?

Eu acho que o grande problema foi quando eles tentaram inovar, a mudar a batida do forró, aí começaram a entrar em letras de modinha, do momento. Então, mudou totalmente, tanto é que hoje as músicas da gente passou a ser forró das antigas, que é um forró que você ouve todo dia. São músicas que você escuta e gosta, diferente das que você vê hoje, que duram três meses. *Meu Vaqueiro*, *Meu Peão* vai fazer 25 anos e é uma música que ainda me sustenta. Muitas bandas tocam, a maioria das bandas tocam. Assim, eu fico feliz que faço parte de uma história que vai continuar, se Deus quiser.

>> Por que você escolheu o forró?

Porque eu nasci no forró. Quando me colocaram, foi no forró. Meu irmão me chamou para cantar em uma banda de forró. Foi por isso.

>> Você acha que o compositor é deixado de lado, não recebe crédito suficiente?

Existe muita injustiça. Porque tem muitos compositores que fazem música, os artistas gravam, fazem sucesso, ganham dinheiro com essa música e o compositor passando dificuldade. Acontece muito isso. Eu tive muita sorte, graças a Deus, porque eu fiquei bem conhecida por causa das minhas músicas. Como eu sou cantora também, isso já ajuda muito. Como é uma área que eu faço parte [ser compositora], eu me preocupo muito. Porque músicas são fases, se um compositor não ganhar dinheiro quando uma música tá fazendo sucesso, ele não vai ganhar depois. Então é por isso que muitos deles passam dificuldade.

>> Como era ser mulher trabalhando no forró dos anos 1990 e como é ser mulher trabalhando no forró hoje? Mudou alguma coisa?

Ainda existe muito preconceito. Já existia, mas hoje a gente percebe que os cantores querem se sobressair tirando as meninas. Então a gente vai na luta e na marra mesmo. É uma luta constante, mas a gente sabe que a importância da mulher, seja na música, seja na composição, é primordial. A mulher tem a voz bela para cantar e quando ela escreve, ela escreve belas poesias. E eu não tô falando de mim não, tem muita gente boa no mercado. A gente tá lá pra mostrar que a gente tem condições.

>> Você já sofreu machismo por ser mulher e cantar forró?

Eu sofro sempre por causa de *Saga de um Vaqueiro*. É uma música longa, é uma história. São raras as pessoas que acham que uma mulher tem capacidade de escrever uma música longa como essa. Uma vez fizeram uma enquete para saber de quem era *Saga de um Vaqueiro*, quando disseram que era minha, quase ninguém acreditou. A gente sofre esse tipo de preconceito. Eles acham que eu não tenho capacidade de falar sobre um vaqueiro, e claro que eu tenho, porque eu nasci nesse meio. Não é porque eu sou mulher que eu não sei falar sobre isso, jamais.

>> Com que frequência você compõe hoje?

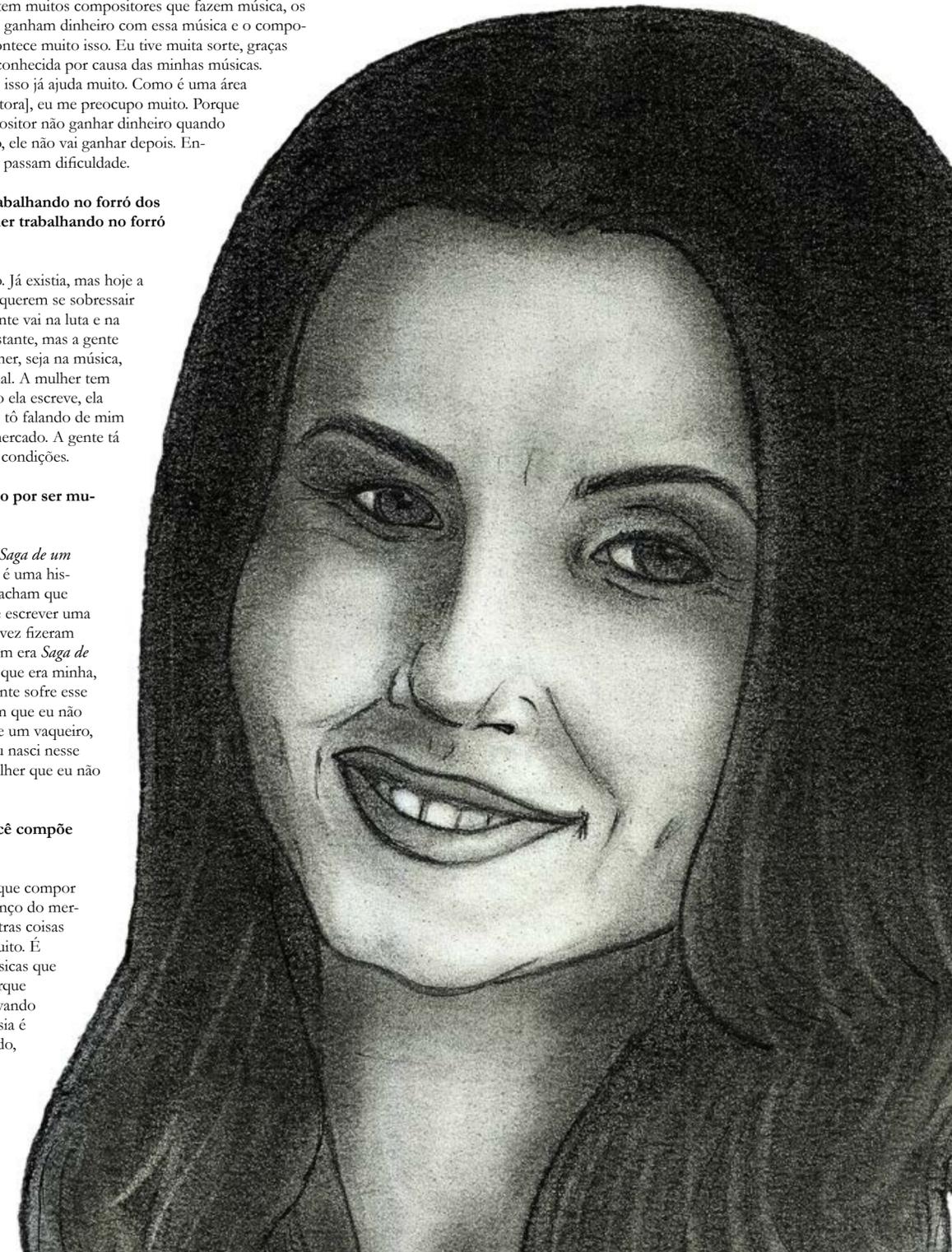
Agora, menos. Antes eu tinha que compor era todo dia, mas com esse avanço do mercado, que eles gravam essas outras coisas de forró, eu não componho muito. É uma por semana, duas, são músicas que estão ficando mais paradas, porque você não vê mais ninguém gravando poesia. Quem tá gravando poesia é o sertanejo, que é outro mercado, tem outros compositores, e eu não sou de ir atrás, sou muito tímida. Eu vou deixando que as coisas aconteçam.

>> Em algum momento, você pensou em fazer outra coisa?

Se eu não fosse cantora e compositora, eu queria ser escritora. Na verdade, aos pouquinhos, eu estou me articulando para fazer outra coisa. Com o passar do tempo, você vai se desgastando. Lá em casa, a gente teve uns problemas pulmonares. Minha mãe morreu com problemas nos pulmões. E eu sinto também que os meus pulmões são como os de mamãe, meio frágeis. Com o passar do tempo, a tendência é diminuir para não piorar a questão. Então, no futuro, eu acho que vou ter que fazer outra coisa mesmo.

>> Quais são os sonhos daqui pra frente?

A gente torce para que o forró cresça e tenha mais respeito na mídia. Que a gente possa ter um dia uma música do forró como protagonista, mas de forma respeitosa, como as músicas de Roberto Carlos são. Por que o forró um dia não pode chegar lá? Pode. A gente escreve bem também, só falta oportunidade. A nossa mensagem é de alegria, de poesia. Quando a gente fala de sertão, a gente fala de vitórias, de lutas, de batalhas, mas de muitas conquistas.





SER(ES) POLÍTICO(S) NOS PALCOS DA VIDA



Seja no teatro, na música, ou até mesmo no humor, artistas mostram que política se discute de várias formas: através de um personagem, de uma rima ou de uma piada

Larissa Medeiros
Wladiane Silva
Reportagem

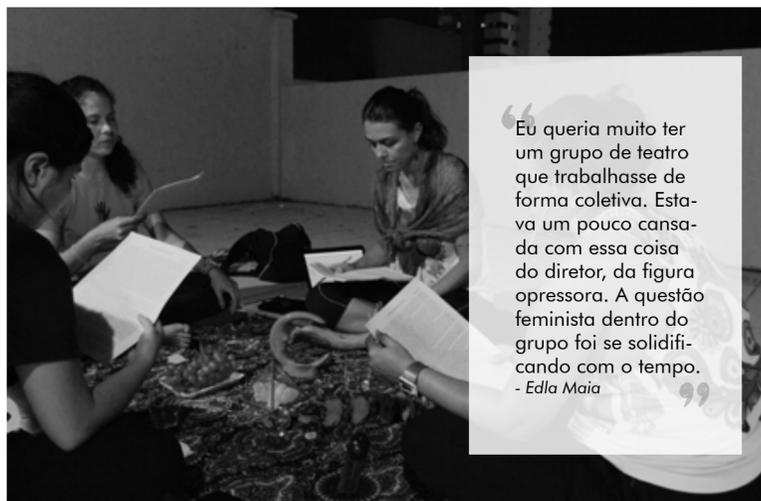
Andressa Gonçalves
Fotografia

Ítalo Cosme
Sâmia Martins
Diagramação

TEATRO DE MULHERES

Um dia, quatro atrizes decidiram ir à rua com pouca roupa e máscaras feitas de jornal cobrindo a cabeça. Durante a performance, muitos homens que por ali passaram as hostilizaram. “A mulher não é nada. O que é a cabeça? O que interessa é o corpo. O intelecto da mulher não interessa, a mulher é um pedaço de carne”, responde ironicamente a atriz Edla Maia, 31, quando perguntada sobre o sentido daquela caracterização.

Edla e suas companheiras de cena (Elaine Cristina, Mariana Elâni e Patrícia Crespi) do Coletivo Teatral Arremate utilizaram esta e outras experiências vividas por elas para compor o espetáculo *Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos*. Para Edla, a necessidade de falar sobre questões femininas surgiu muito cedo, a partir de problemas familiares. A vontade se desenvolveu durante os oito anos em que fez teatro sendo dirigida por homens, lendo texto de homens e, enfim, percebendo que o tempo todo estava falando por eles. “Eu queria



“Eu queria muito ter um grupo de teatro que trabalhasse de forma coletiva. Estava um pouco cansada com essa coisa do diretor, da figura opressora. A questão feminista dentro do grupo foi se solidificando com o tempo.”
- Edla Maia

muito ter um grupo de teatro que trabalhasse de forma coletiva. Estava um pouco cansada com essa coisa do diretor, da figura opressora. A questão feminista dentro do grupo foi se solidificando com o tempo”, explica. Para deixar claro o aspecto de denúncia do machismo, o grupo faz pesquisas sobre o Teatro Épico, que tem por objetivo despertar o espírito crítico do espectador. Edla esclarece que em vários momentos há a saída do

personagem, quando ela fala diretamente com a plateia. Ela define o *Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos* como um espetáculo didático, escrito durante uma ferida aberta, com histórias do cotidiano. “Não tem sofisticação, é real, é cru. Há momentos em que um personagem fala algo, uma luz na plateia acende e nós olhamos para eles. É uma forma de dizer que aquilo não está certo, de lançar um questionamento”, relata.

A sensação é de que os

objetivos do coletivo vêm sendo atingidos através da prática de promover um bate-papo com o público ao final de cada peça. A atriz conta que as respostas têm sido positivas. “Fizemos uma apresentação e ao fim um homem se levantou e pediu desculpas em nome dele e de todos os homens que falavam besteiras, importunavam as mulheres, e eu achei aquilo muito interessante. Foi muito especial para nós”, relembra.

COMÉDIA QUE RI DO REI

Ligar a TV durante o horário eleitoral gratuito e achar graça do que vê. Foi o que motivou o humorista Moisés Loureiro, 25, a escrever o texto do show *Não vote em mim*, apresentado nas vésperas do primeiro e do segundo turnos das eleições de 2016. O comediante conta que passou por um processo de imersão no assunto. “Vi toda a biografia dos candidatos, o site do Tribunal Regional Eleitoral. Rendeu muita piada sobre as declarações de Imposto de Renda de cada um. Tinha candidato milionário que tem declarado dois carros. Porra, o cara mora no carro? Não tem uma casa?”, questiona Moisés.

Para ele, a política, assim como a religião e a sexualidade, é tema delicado, mas que não deve permanecer intocado. Acredita que o comediante deve ter certo distanciamento para poder fazer piada com tudo o que acontece. “Acho que não tem mais nem esquerda nem direita, não existe mais ideologia,

é projeto de poder pelo poder. Como eu não entendo nada e não acredito em nada, me sinto à vontade para satirizar todo mundo, para também não comprar briga de lado nenhum”, declara ele em tom desiludido. O comediante aposta no “poder do deboche” para falar dos políticos. “Chamar aquela garrafa de cerveja de Roberto Cláudio, onde mais que vai ter isso? Eu tento muito levar este deboche no sentido de que eles (os políticos, os poderosos) não são intocáveis, nós podemos rir deles”, diz.

Direcionar o sarcasmo para quem detém o poder é uma constante em seu trabalho. Ele gosta quando as piadas fogem do lugar comum e “fazem alguém rir do homem hétero e das suas manias, que são muitas.” O humorista reflete sobre a relação entre o lugar de fala e o tipo de trabalho que ele realiza. “Eu tento ter muita consciência do lugar que eu ocupo, de quem eu sou e a partir disso (pensar em) que comédia eu posso fazer, do que eu posso falar e o que é interessante ou não”, conclui.



“Eu tento ter muita consciência do lugar que eu ocupo, de quem eu sou e a partir disso (pensar em) que comédia eu posso fazer, do que eu posso falar e o que é interessante ou não.”
- Moisés Loureiro

RITMO E MENSAGEM

Nascida e criada no bairro Jacarenga, em Fortaleza, ela se define como mulher periférica e pobre, além de ser cantora e rapper. Isabel Costa, 29, é mais conhecida como Isabel Gueixa e é uma mistura de referências variadas. Caiu de paraquedas no movimento hip hop cearense, gosta de Alicia Keys, mas também de Linkin Park. Assim como sugere o nome artístico, é fã da cultura japonesa de animes e mangás, mas se apressa em dizer que não concorda com os aspectos machistas dessas obras.

Para ela, política e religião se discutem, o contrário gera alienação. “A gente tem que escolher um lado, não tem como ficar neutro. Não é como a minha mãe fala: ‘é coisa dos grandão’. O povo pobre tem que saber (sobre política), porque se a gente soubesse, já tínhamos tomado a porra toda há muito tempo”, afirma Isabel.

Diversos temas aparecem nas letras que ela compõe, assuntos presentes nas pautas feministas, desigualdades sociais e raciais, defesa da diversidade sexual. Na

música *Vem se libertar*, ela faz uma crítica aos preceitos religiosos que julgam e excluem o público LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Queer). A rapper frequentou a Igreja Católica durante a infância, e a Evangélica a partir dos 16 anos, de onde logo saiu. Apresenta-se como uma pessoa exotérica, que acredita em deuses e deusas, mas é confundida por alguns como cantora gospel, fato que ela relaciona com seu timbre de voz mais grave.

Isabel escolheu a música para comunicar, mas admite que o público nem sempre entende a mensagem que ela quer passar. “Eles me perguntam como podem começar a cantar. Ai vou olhar o perfil e a pessoa tem uma foto de capa do Bolsonaro, aí eu fico sem entender”, exemplifica ela que atribui isso ao fato de que alguns focam no ritmo e esquecem a letra. É por este motivo que ela optou por se posicionar para além da música. A cantora faz vídeos para as redes sociais nos quais declama suas rimas. É mais uma maneira de atingir um objetivo de qualquer artista: conectar-se com o público.



“A gente tem que escolher um lado, não tem como ficar neutro.”
- Isabel Gueixa

O que dizem para além dos

HOLOFOTES

“Por que você não está falando sobre isso? Significa que não está te abatendo. O artista é este ser social que faz questionamentos, temos essa missão. Meu posicionamento é muito político, então eu não tenho como falar apenas sobre mim.”

- Edla Maia, atriz

“Eu tenho uma carreira artística, então, querendo ou não, eu tenho que tomar cuidado com o que eu falo para eu poder ser aceita em outros locais. Mas eu não quero mudar o meu discurso.”

- Moisés Loureiro, humorista

“Se a pessoa quer ficar calada, deixa ela ficar, é um direito dela. Eu acho que ninguém tem que exigir que o artista se posicione, ele tem que fazer arte. Se além da arte, ele se posicionar politicamente, legal, se não, tudo bem. Cada um sabe até onde deve ir.”

- Isabel Gueixa, cantora e rapper

EU DESCONHEÇO ESSE RITMO

Em meio a som e movimentos, a dança pode expressar muito mais do que sentimentos próprios, mas a cultura de um país e até de um continente. A África se faz presente nos gestos e batuques dos filhos dessa terra

Carmem Fortes
Felipe Klisma
Reportagem
Sâmia Martins
Diagramação
Débora Oliveira
Ilustração

Kizomba é um gênero musical e de dança originário da Angola, proveniente da mistura de vários gêneros musicais já existentes na África.

Dikanza (reco-reco), ngoma (bataque), apito, e gaieta (gaieta). É o tambor, é o som de instrumentos de percussão que forma os ritmos da dança africana. Com os pés descalços, é a conexão com o corpo, é a ligação com o mundo. É a proximidade de dois corpos num só movimento que se dá o Kizomba, e a agilidade dos braços e pernas num só movimento que se dá o Afro-House.

Em 2015, o coordenador do eixo de dança no projeto Voz da África, Egas Noronha, 26, deixou São Tomé e Príncipe, seu país de origem, para vir estudar administração no Brasil. Ele teve que deixar sua família na terra natal, mas não deixou sua paixão: a dança. Desde os 14 anos, Egas vem praticando e atuando vários ritmos africanos. Coupé Décalé, Ndombolo, Afro-House, Kuduro, Kizomba e Semba são alguns ritmos culturais proferidos pelo dançarino. “Eu comecei a dançar em 2007, hoje eu tenho 26 anos, já são 11 anos no mundo da dança”, afirma.

Residente em Redenção, a 55 quilômetros de Fortaleza, formou seu grupo de dança logo após chegar ao país. “Eu tinha um amigo que já estava aqui e havíamos nos apresentado juntos algumas vezes em São Tomé e Príncipe, então organizamos tudo com envolvimento de outros colegas também amantes da dança, de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde e Guiné. E lá se vão três anos de ensaio”, explica.

AFRODANCE

A dança como arte é um dos meios de fortalecimento da identidade cultural de um povo. Assim como o forró está para o Ceará, existem danças específicas que identificam a cultura de um país, de um continente. Ao se apresentar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), o grupo ‘Afrodance’ consegue fazer com que a cultura africana seja conhecida por outros povos. Como coordenador do eixo de dança no projeto Voz da África, Egas faz com que a dança de seu continente reverbera em outros corpos.

Ele ressalta, ainda, que o grupo tem realizado apresentações em Fortaleza, Cariré, Paraipaba dentre outras cidades do Estado. Egas vê exatamente no cultivo dessa arte a importância de desmistificar certos estereótipos sobre a cultura africana. Por esse motivo, busca alcançar a originalidade das coreografias, como quem tem propriedade da cultura de seu povo. “As coreografias são feitas por mim. Não faz sentido você copiar uma coreografia, fazer uma apresentação e alguém gravar, postar, divulgar e amanhã ou depois quem te segue se depara com a coreografia na qual já tem um grupo que é o autor”.

Idealmente a Kizomba é dançada em pares e requer intimidade entre o homem e a mulher, devido à proximidade entre os dois exigida para a dança.

Existem três maneiras de dançar Kizomba:

A **“passada”** é considerada o estilo clássico, envolve a movimentação dos pés e a flexibilidade de joelhos, com movimentos verticais frequentes, alternando entre o sobe e desce das pernas.

A **“tarraxinha”** é a mais sensual, tem movimentos lentos e insistentes, sentindo todo movimento do seu par no seu corpo.

A **“quadrinha”** é a mais “rebolada”, requer movimentos com as coxas no ritmo da música.

KIZOMBA NAS RUAS DE FORTALEZA, A DANÇA COMO RESISTÊNCIA!

Em 2006, a fotógrafa Alana Campos, 31, conheceu alguns estudantes africanos e começou a frequentar suas festas, se apaixonando pelo ritmo Kizomba. A dança, de movimentos suaves e sensuais oriunda da Angola, é uma terminologia da expressão linguística Kimbundo, que significa ‘festa’. Preocupada com a ocupação da cidade, Alana decidiu usar a dança como forma de resistência. Em julho de 2014, um ato de protesto na Praça Portugal realizado por ela e amigos mudou sua visão sobre a arte. “Nesse dia vimos quão forte e potente era a nossa relação com a dança e com a cidade. Decidimos, então, seguir ocupando cada cantinho da nossa Fortaleza.”

A experiência levou à formação do grupo ‘Branquelas Produções’ e ao desenvolvimento do projeto ‘Kizomba em Fortaleza’, juntamente com sua colega Clara Machado. Alana explica que a ideia inicial era de mostrar pontos da cidade que geralmente não são vistos pelas pessoas e quebrar estereótipos. “Queríamos mostrar que existem outros tipos de danças, inclusive essa, que é uma dança que apaixonou e aproxima as pessoas”, exprime.

O público africano começou a se somar

ao projeto apenas com o seu crescimento, segundo Alana. “Para eles era muito importante ver a sua cultura sendo exposta nas praças públicas da cidade e cada vez mais pessoas aderindo”, conta. Ela relata que muitas dessas pessoas não imaginavam que tantos se apaixonariam por algo próprio de suas tradições. “Querendo ou não, a partir da dança, do abraço que é o kizomba, nós tentamos fazer uma conexão de cultura”, conclui.

Ederson Marques, outro amante e praticante da dança, fala do que realmente o levava à tanta motivação em expressar a dança no Ceará. “Esse contato, além de levar a cultura para o povo, leva a alegria que a Kizomba nos traz. É possível ver a expressão de deslumbre em cada rosto dos espectadores que ali nos assistam. E é justamente esse impacto causado ao público que mais me marca a cada edição. Não há nada que pague ver a alegria no rosto daquele que resolveu arriscar os primeiros passos ali com todos nós”. Tendo a mesma visão de Edson, Alana e Clara decidiram apostar em mais um projeto: ‘Kizomba, chegue e dance’, iniciado em julho deste ano, no Centro Dramático do Mar de Arte e Cultura.



O Branquelas Produção ganhou aos poucos o coração do público africano. (Foto: Branquelas Produções)



Amor, alegria e cultura são expressados nos movimentos de dança. (Foto: Arquivo pessoal / Ederson Marques)

A CONSAGRAÇÃO, TROCA E INTERAÇÃO

O processo de interação cultural através da arte, seja ela qual for, pode ser enriquecedor para todas as partes envolvidas. Conhecer a arte de um determinado país pode significar conhecer a formação da sua própria história. É o que pensa a Diretora da Divisão de Cultura Estrangeira da Coordenação de Internacionalização Linguística da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (Prointer) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Maria Inês. Para a professora, é necessário que existam momentos de consagração da arte estrangeira, principalmente as que remetem à cultura africana. “Se fazer conhecer essa arte por alunos locais, pelos professores, pelo público em geral, é de grande importância. Falar da dança ou outro tipo de arte africana significa falar de nós, falar daqui”, pontua.

A especialista, como os personagens anteriores, se preocupa com determinados estereótipos aplicados à cultura africana de um modo geral. Para ela, a arte pode facilitar uma ‘quebra’ e levar ao real conhecimento daquele continente. “Existe essa necessidade da troca. A possibilidade de trazer a cultura estrangeira para o ambiente local é uma oportunidade muito boa para que os alunos conheçam melhor a África. Afinal de contas, nós somos fruto dessa cultura. A partir daí, se promove uma interação plena e não só unilateral”.

Maria Inês explica o quanto é importante conhecer essa variedade artística para que se possa entender determinadas práticas como fortalecimento de uma identidade cultural. “O conhecimento da arte que vem de fora nos ajuda a entendermos perfeitamente que a África é um continente e que lá não existe uma cultura única, são múltiplas culturas. Não é nem uma cultura para cada país, mas um só país pode ter uma variedade de culturas considerável, plural. Então, mesmo dentro dessa dimensão pluricultural, entendemos que algumas práticas são convergentes”.

A especialista indica que a semelhança entre as danças de cada país está quando, ao dançar, o artista se expressa sem interferências, mostrando sua essência. “Trazer a sua dança com certeza é fazer você se mostrar na sua pele sem nenhuma interferência de Fortaleza, Ceará, Brasil. Naquele momento você está praticando sua dança, mostrando pros seus amigos quem verdadeiramente você é, sem se preocupar com os outros. Pelo contrário, os outros é que têm que se esforçar pra te ver, pra entender a sua dança, pra admirar sua cultura”, conclui.

O QUE PRODUZ ESSES SONS?

Conheça alguns instrumentos utilizados nos ritmos africanos

ACORDÉON

Acordeon ou Sanfona



APITO

Espécie de flauta



DIKANZA

Reco-reco



GAIETA

Gaita



NGOMA

Bataque



“Ironia delicada e alegre; ditos e gestos engraçados; comicidade”. Um dos inúmeros significados denotativos da palavra humor traz algo extremamente intrínseco à personalidade de Fernando Pazzolinny Filho, ou Esparguete Show, alcunha pela qual é popularmente conhecido.

O primeiro contato com Fernando veio durante uma visita ao Museu do Humor Cearense/Teatro Chico Anysio, localizado na Avenida da Universidade. Naquela ocasião, dez humoristas faziam uma reunião semanal para ensaiar e ficar por dentro dos preparativos dos shows que ocorreriam nos próximos dias.

A reunião acabou com uma breve tour pelo Museu, sendo mostrados não apenas os quadros, estátuas e honrarias das mais diversas, mas cada um dos colegas que o ajuda a manter o espírito do local ainda tão vivo.

ESCOLHA DE VIDA

Paraibano de Patos, Fernando Pazzolinny Filho sabia qual profissão seguir desde os 12 anos. Chegou a Fortaleza em 1991 em busca do sonho de trabalhar com humor, e tinha como uma das maiores vontades se apresentar um dia no Teatro José de Alencar, cenário da entrevista e onde em poucos minutos ele iria se apresentar gratuitamente para o público.

No começo da carreira, não teve vida fácil: trabalhava em uma firma durante o dia e, à noite, era garçom. Quando passou a se apresentar com conteúdo humorístico, há 17 anos, percebeu uma melhora financeira. “[Na época em que tinha dois empregos], o dinheiro só dava pras despesas de casa. Quando comecei a fazer humor, percebi que o cachê era quase o mesmo que eu ganhava em um mês de trabalho”, afirmou.

Hoje, apesar da queda na média de shows em comparação com cinco anos atrás, ainda se sustenta do dinheiro que recebe nas 15 apresentações que faz por mês. “Eu faço o que mais gosto e vivo disso que, além de tudo, traz um retorno financeiro bom para mim e para minha família”, finaliza.

É assim que Fernando se apresenta em uma tarde de quinta-feira no José de Alencar. Entre improvisos e atuações pré-planejadas, Esparguete conta piadas e diverte o público em um espetáculo aberto a todos.

As palhaçadas, piadas e trejeitos, mesmo que típicos do humor cearense se observados à primeira vista, tem um toque único, que fazem com que, durante uma hora e meia, o mundo exterior seja esquecido, e palco e artista se unam em um só.

O FAZEDOR DE RISOS NA TERRA DO HUMOR DANDO O AR DA GRAÇA



Karoline Tavares
Reportagem

Grasielly Souza
Fotografia

Alexandre Valério
Diagramação

Caio Vitor
Reportagem
Rodrigo Aparecido
Fotografia
Alexandre Valério
Diagramação
Débora Oliveira
Ilustração

IRIZANDO ABALAM LAVAM AVIDIA

A arte de rua carrega consigo histórias de vida intrigantes. Trajetórias artísticas e humanas. Quando um personagem fala por si (e, de alguma forma, por muitos outros), riscos, cortes e arranhões derivados de um estilo de vida ousado tornam-se apenas um detalhe na compreensão do todo

Uma tarde de paz. Entre conversas paralelas e sonoras gargalhadas vindas de amantes da natureza, desenrolou-se o pôr do sol em meio à mata urbana e, junto ao presente natural, a prosa simples, cearense e sincera de Gabriel Gadelha. O estudante do curso de Física da Universidade Federal do Ceará (UFC) escolheu viver – leia-se: tirar o próprio sustento – da arte. Tanto quanto, ou até mais que acadêmico de Física, Gadelha é malabarista. Malabarista de facões.

Uma inesperada reunião agrupou malabaristas – Gabriel, um colombiano e um paulista – e outras personalidades em meio a um grupo de estudos sobre permacultura. Embora o foco desse perfil não seja o momento no qual se discorreu a entrevista, inevitavelmente em muito contribuiu para compreensão do universo que permeia a arte de rua e o estilo de vida dos malabares.

O encontro ocorreu, não sem que antes uma bela caminhada fosse necessária para nos levar ao lugar remarcado em cima da hora. Ainda assim, um breve e agradável reconhecimento do local da entrevista – que, embora descrito, não será revelado por questões éticas – se fez possível durante o aguardo do entrevistado. O verde e o silêncio deram tom à ambientação e boas-vindas ao clima natural, quase sem formalidades, no qual este perfil se estruturou.

Cursando o terceiro semestre do bacharelado, Gabriel parece levar a vida acadêmica tão sem pressa quanto conversa. Apesar de já ter feito quatro semestres

do mesmo curso em licenciatura, escolheu não aproveitar os créditos, esticando o tempo na universidade. A arte de rua profissional demanda dele tempo e esforço físico, não sendo muito diferente do malabarismo feito por grande parte da população brasileira todos os dias. Acordar cedo é o segredo. “Eu gosto de trampar bem cedo, porque assim... Quando eu acabo meu trampo, a galera ainda tá começando o dia...”. Às seis horas da manhã o trânsito começa a intensificar e a luz vermelha do semáforo se faz luz verde para a arte.

Trabalhando nos cru-

zamentos da cidade de Fortaleza há cinco anos, desde os 16, o artista encontrou nos malabares uma chance de desenvolver habilidades e cultivar a própria renda. Os três facões que hoje o acompanham só tornaram-se parceiros de trabalho há pouco menos de um ano. “Facão foi uma coisa que eu peguei muito depois. Quando eu já estava com o jogo bom. Precisa criar uma confiança, véi?”. Não se preocupe, pensar em acidentes não seria sadismo seu, que lê este perfil. Eles acontecem, conta Gabriel. Já

com o olho baixo e vermelho por causa do sol.

Sentado à minha direita, o jovem conhecido desde a infância como “sapão” fala sobre o “truque do escorpião” – manobra na qual o malabarista equilibra o facão na cabeça, deixa cair pra trás, chuta de volta com a sola do pé ou calcanhar e pega novamente na frente, com as mãos – e relembra de um momento marcante em sua trajetória na arte de rua. “No sinal [às vezes] acontece alguma coisa

que você erra os truques. Eu acertei bem aqui, ó, no calcanhar. Sangrou, mas não foi preciso ir ao hospital... Mas facão é massa!”. Além da descrição de Gabriel, os comentários paralelos dos colegas presentes na roda não deixam dúvidas de que cortes nas mãos e arranhões fazem parte da rotina dos malabaristas do risco.

Sobre os locais

de trabalho, como não é difícil de imaginar, nem tudo são flores e cores para os artistas, ainda mais quando estes desenvolvem sua arte longe dos palcos, no meio da rua. A disputa por espaço nos semáforos de uma grande cidade pode ser ainda mais acirrada que a concorrência pelos holofotes. São diversos os pontos de apresentação, que vão desde o semáforo ao lado da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), no bairro São Gerardo, até o Centro Dragão do Mar, Praia de Iracema.

Mesmo ao enfatizar que nunca passou por situações muito constrangedoras ou agressivas, o jovem malabarista rememora que já teve suas questões. “Eu tava ali no sinal da Bezerra, daí quando dava umas oito horas chegava uma tiazinha com uma plaquinha pedindo ajuda. Eu tava jogando, tava rolando. Quando ela chegava, secava o sinal. Várias vezes aconteceu isso”. Sempre munido da diplomacia malandra que lhe é característica e notável em seu trato com os colegas, o jovem amante dos malabares conta como conseguiu resolver a questão. “ó tia, os únicos carros que me vêem são, no máximo, os que ficam até a terceira fileira. Por que a senhora não pega da quarta fileira pra lá?”, sugeriu.

Segundo Gabriel, dessa vez o diálogo deu certo, mas nem sempre funciona. “Essa tia recebeu bem até e deu pra gente trabalhar de boa. Só que depois chegou uma ga-



lera das laranjas, no mesmo sinal. A galera só chegava e não falava nada. Às vezes eu tava jogando e eles se metiam no meio. Eu ainda tentei falar... Mas não estavam nem vendo mesmo, daí eu parei um tempo de trampar naquele sinal”.

Em média, 30 segundos é o tempo que o artista tem para acompanhar motoristas e passageiros exibindo a própria arte na esperança de ser reconhecido e arrecadar o próprio sustento. Ainda ao falar sobre os locais de trabalho, Gabriel comenta que atualmente tem mudado os pontos onde se apresenta. “Ultimamente tenho procurado fugir dos sinais da praia, tenho ficado mais dentro da periferia. Primeiro, por comodidade, fica mais perto

pra mim, e depois porque foi um experimento. Eu não sabia como é que ia rolar em uma área que não é turística ou classe média, tipo Aldeota”.

O jovem artista que sente necessidade de reconhecimento – sei que estou correndo o risco de ser redundante – transparece gostar da reação e receptividade do público nos novos locais de trabalho. “O que eu notei é que a galera não conhece muito. Tem gente que parece que nunca viu e aí eles se espantam. Eu acho massa a parte da admiração pela arte”.

Porém, o ego sob controle e um olhar maduro, para a pouca idade, permitem uma análise mais aprofundada sobre a recepção

do trabalho. Nos semáforos não existe distinção de cor, credo, raça, ou mesmo classe social. Gabriel reconhece que encontra pessoas de todos os tipos, desde os que dão dinheiro por acreditar que estão fazendo caridade, aos que realmente se sentem tocados por sua arte, não esquecendo daqueles que colaboram temendo um assalto: “Vai ter cara que vai te dar grana porque ficou com medo”, relata.

Há pouco mais de um ano morando só, depois de ter saído da casa dos pais, ele acredita que teria condições de conseguir independência logo que começou a trabalhar nos sinais, mas preferiu adiar. “Tinha também outra situação com meu pai. Daí certa hora eu saí. Foi simples”, conta, com ar de quem

não quer mais falar sobre o assunto.

Porém, a família vira pauta novamente ao comentar sobre o processo de viver da arte nas ruas. Desafiando a incredulidade dos familiares que pensavam ser só uma fase, cinco anos depois de iniciar o ofício de forma autodidata, Gabriel acredita que já perceberam não se tratar apenas de uma brincadeira. “Minha mãe hoje é super de boa. Preconceito, preconceito mesmo, acho que não souf”.

A locomoção pela cidade é feita principalmente em cima da inseparável magrela. Ele tem de se virar e arcar com as próprias contas. “Tou morando de aluguel, dividido com um brother. Fora o aluguel, as principais despe-

sas são comida, maconha...”, ele diz, enquanto o som dos isqueiros mantém o ritmo da roda de conversa. Gabriel relata que às vezes não é suficiente o rendimento ganho como malabarista. O bico de serviços gerais aos finais de semana na lanchonete da avó sugere um ar de estabilidade financeira e garantia de socorro nos momentos de aperto.

Apesar de variar conforme a época do ano, R\$ 30,00 a cada turno de trabalho de duas ou três horas, é o rendimento financeiro obtido pelo malabarista universitário. “Eu faço malabares porque eu preciso do capital. Eu preciso ter dinheiro para sobreviver nessa sociedade, no meio que eu estou, com as amarras que eu fiz e o que sei fazer é isso”.



FEITO POR MULHERES

Karoline Gomes
Sabrina Teixeira
Reportagem

Isabela Santana
Diagramação

Débora Oliveira
Ilustração

Idealizadas por homens nos livros e nas telas, elas usam a própria voz para re(existir) na literatura e no cinema além do rótulo da feminilidade

Na maioria das histórias infantis, a principal figura feminina é representada por uma princesa em perigo que precisa da ajuda e do afeto de um príncipe para que sua vida entre nos eixos. Desde a infância a mulher é retratada como um ser passivo, que tem seu destino colocado nas mãos de um homem, sem que possa, ou queira, fazer muito para mudar esta situação. Mesmo apresentando novos moldes no decorrer do tempo, personagens femininas quase sempre ficam limitadas a estereótipos.

Historicamente, a falta de representatividade feminina nas produções artísticas gerou distorções na retratação da mulher. Descrita de maneira idealizada por autores homens, a figura feminina não tinha voz. “Havia casos absurdos de perfis de mulheres trançados de maneira secundária, submissas, marionetes de uma situação social em que os

homens eram a fonte da ação”, destaca a escritora cearense Tércia Montenegro, que lançou o primeiro livro em 1998. E, quando independentes e revolucionárias, como Capitu, do livro *Dom Casmurro* (1899) escrito por Machado de Assis, essas personagens tornavam-se alvo de críticas e julgamento.

No cinema, a representação narrativa de personagens femininas sempre foi marcada por inúmeros rótulos. Quando “mocinhas”, são frágeis, bonitas, gentis, prestativas, talvez inteligentes, mas nunca tão astutas quanto os homens; quando vilãs, são traçoceiras, agressivas. Geralmente, a complexidade humana feminina é deixada de lado e representações generalistas e superficiais predominam. As vidas, os dramas e as questões dos personagens masculinos são, na maioria das vezes, os pontos centrais do enredo dos filmes, restando às mulheres e a outros grupos os papéis de coadjuvantes.

Testes como o *Bechdel*, apresentado pela primeira vez em 1985 em uma tirinha da cartunista norte-americana Alison Bechdel, ajudam a verificar a falta de autonomia feminina das personagens nos roteiros de produções cinematográficas. Para “passar” no teste, um filme deve obedecer a três critérios: possuir pelo menos dois personagens femininos com nomes; estes personagens devem estabelecer ao menos um diálogo entre si; em uma conversa que não seja sobre um homem. Apesar de limitado, esse teste é uma forma simples de constatar como as mulheres são colocadas em segundo plano nas obras do cinema, pois, de acordo com pes-

quisa da BBC, menos da metade dos vencedores de melhor filme do Oscar - em suas 91 edições - são aprovados nesse teste.

Por meio das lutas travadas diariamente, as mulheres têm se tornado mais atuantes nos meios culturais, obtendo mais espaço para narrarem a própria história. Essas mudanças influenciam diretamente as gerações futuras, como foi o caso de Tércia Montenegro. “Eu só tive a revelação de que eu poderia ser uma escritora quando eu li a Lygia Fagundes Telles. Foi exatamente nessa fase dos 12 anos”, relembra. A escritora conta que, ainda na infância, sob a influência dos pais professores, começou a escrever seus primeiros textos para publicação em jornais, mas que, mesmo inserida no mundo da literatura, tinha dificuldade em encontrar no mercado produções femininas.

REPRESENTATIVIDADE

A ausência das mulheres na produção literária pode ser comprovada pela pesquisa coordenada pela escritora e professora Regina Dalcastagné, da Universidade de Brasília (UnB), que buscou traçar um perfil dos escritores e dos personagens da literatura brasileira contemporânea. O estudo analisa uma relação de 130 romances brasileiros lançados em 2004, onde apenas 31 títulos foram escritos por mulheres, isto é, 23,8%. A pesquisa ainda demonstrou que as personagens femininas também tendem a ocupar menos a posição de protagonistas e de narradoras em relação ao número de homens. O espaço das mulheres representadas no romance brasileiro contemporâneo é, sobretudo, o espaço doméstico, conforme o levantamento.

No cinema, o cenário não é muito diferente. Segundo uma análise da Fundação Annenberg de Comunicação e Jornalismo, dos 100 principais

“A ideia de mulher que é plantada desde pequeno no imaginário coletivo é uma imagem surreal: a ideia de que a princesa precisa de um príncipe que venha salvá-la.”

- Tânia Dourado, escritora



Foto: Sabrina Teixeira

filmes de 2016, apenas 34 tinham uma personagem principal feminina. Já a análise realizada pela New York Film Academy, escola de cinema norte-americana, feita com os 500 filmes mais vistos entre 2007 e 2012, mostrou que o número de personagens mulheres nas produções cresce 10,6% quando uma mulher dirige o filme e 8,7% quando se tem uma mulher como roteirista.

A representatividade de mulheres nas produções é um quadro raro de ser observado, uma vez que o número de homens trabalhando na indústria cinematográfica é cinco vezes maior que de pessoas do sexo feminino. E mesmo as que insistem em se manter neste ramo ainda trabalham em condições inferiores, pois, segundo a Secretaria de Estatísticas Trabalhistas dos Estados Unidos, na área das artes, em geral, mulheres recebem por volta de 15% a menos do que homens.

QUESTÃO DE GÊNERO

O discurso literário traz uma estética e uma ideologia sustentadas pelo sujeito que o cria e que, implicitamente, repassa a sua visão de mundo para o público por meio da escrita. Considerando a predominância masculina na produção literária, temáticas femininas acabam excluídas ou subjugadas. “A ideia de mulher que é plantada desde pequeno no imaginário coletivo é uma imagem surreal: a ideia de que a princesa precisa de um príncipe que venha salvá-la”, afirma a escritora Tânia Dourado. Para ela, o cenário obriga as mulheres a buscar um lugar de fala em todas as instâncias.

A autora da saga *Harry Potter*, Joanne Rowling, mais conhecida como J. K. Rowling, revelou em uma entrevista para o canal CNN que recebeu o conselho da editora para que usasse suas iniciais ao invés de seu nome verdadeiro na assinatura de seus livros para que assim eles também atraíssem a atenção masculina e vendessem mais. Esse exemplo mostra como algumas escritoras e o próprio mercado ainda têm certa resistência em atribuir a autoria de obras literárias às mulheres pelo receio de que elas sejam rotuladas como literatura feminina.

A pesquisadora e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Constância Lima, cita como o maior desafio das escritoras a superação dos velhos preconceitos que muitas vezes estão arraigados dentro delas mesmas. “Muitas escritoras têm horror a verem seus escritos identificados como sendo de mulheres e negam escreverem a partir de sua experiência de gênero”, ressalta Constância.

A escritora Tércia Montenegro conta que já mudou diversas vezes de opinião sobre a própria escrita. “Se nós somos mulheres, é claro que fazemos literatura feminina, mas não que isso seja uma espécie de limitação, assim como os homens escrevem sobre qualquer coisa, as mulheres também podem escrever sobre qualquer coisa”, destaca Tércia. A escritora relata que vivia o maniqueísmo em associar o termo literatura feminina a algo apenas bom ou ruim.

As questões de gênero também permeiam a vivência e o trabalho da cineasta Natália Maia. Ela leva as experiências como mulher tanto para os processos de escrita quanto para o set. “Isso é importante para a construção de espaços menos hegemônicos, pois, como eu vivi e vivo muitas experiências, tento deixar meu olhar mais atento, certas coisas não passam batidas”, reconhece. Para ela, a escolha da equipe e elenco deve ser pensada no recorte de gênero e racial, e, como as vivências podem potencializar as narrativas, o ideal é que esses espaços e histórias sejam cada vez mais plurais.

Estudante de Letras e idealizadora do projeto *Leia Mulheres em Fortaleza*, que incentiva a leitura de autoras femininas, Alessandra Jarreta destaca que muitas mulheres acabam passando despercebidas por conta do preconceito. “Ao mesmo tempo que conhecemos e divulgamos suas obras, também mostramos às mulheres que a escrita não é um ‘clube do bolinha’, que não existe isso de ‘literatura feminina’ ou ‘livro de mulher’ e que esse espaço é nosso, e que elas podem e devem escrever sobre o que elas quiserem”, enfatiza.

Escritoras que você precisa conhecer



Nísia Floresta (1810-1885)

Foi o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, escritora, educadora e poeta brasileira nascida no Rio Grande do Norte. É considerada pioneira do feminismo no Brasil e tematiza, em suas escritas, a ruptura entre público e privado. Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832), foi publicado quando tinha 22 anos, e é o primeiro a falar sobre o direitos das mulheres à educação e ao trabalho.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

Escritora e abolicionista nascida no Rio de Janeiro, publicou seus primeiros textos na *Gazeta de Campinas*. Foi pioneira na literatura infantil, tendo seu primeiro livro, *Contos Infantis*, publicado em 1886. Integrava o grupo de escritores e pensadores que planejaram a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), mas seu nome foi excluído na primeira reunião e seus membros optaram por uma academia exclusivamente masculina.



Albertina Bertha (1880-1953)

Nascida no Rio de Janeiro, foi colaboradora de diversos jornais, dentre eles a revista feminina *Panóplia*. Foi integrante da Academia de Letras de Manaus. Tinha um forte posicionamento feminista, incluindo em seus textos duras críticas à hegemonia masculina na literatura. Seu primeiro romance, *Exaltação* (1916), aponta para a hipocrisia da sociedade da época e chama a atenção por explorar um conteúdo erótico ainda no início do século XX.



Gilka Machado (1893-1980)

Nascida no Rio de Janeiro, vinda de família de artistas, com mãe atriz, parentes poetas e músicos, Gilka foi uma grande poetisa brasileira. Publicou aos 22 anos seu primeiro livro, *Cristais Partidos* (1915). Durante a década de 1920, continua a escrever, lançando *Mulher Nua* (1922), *Meu Glorioso Pecado* (1928), e *Amores que mentiram, que passaram* (1928). Foi uma importante precursora da literatura erótica escrita por mulheres. Em 1979, recebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.



Maura Lopes Cançado (1929-1993)

Nascida em Minas Gerais e tida como uma promessa de sucesso na comunidade literária carioca, publicou ainda na década de 1960 os seus dois únicos livros: *O Hospício É Deus* (1965) e *O Sofredor do Ver* (1968). Diagnosticada com esquizofrenia, passou por várias instituições de internação, e, em uma delas, foi acusada de homicídio e internada em manicômio judiciário. Assim, foi deixada no esquecimento. Após sua libertação, não voltou a escrever.



Orides Fontela (1940-1988)

Nascida em São Paulo, Orides Fontela compôs a “geração de 60”, foi poetisa e escreveu textos que podem ser classificados como poesias filosóficas. Foi premiada com o Jabuti de Poesia em 1983, devido à sua escrita muito atenta aos detalhes. Seguiu a tendência de literatura contemporânea e publicou trabalhos nos periódicos *O Município* e no suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*.



Ângela Lago (1945-2017)

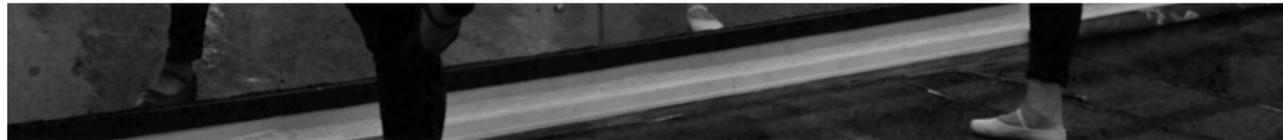
Escritora e ilustradora nascida em Belo Horizonte, tem a maior parte de sua obra dedicada ao público infantil, e alguns de seus livros são apenas ilustrações. Em 1980, lança seus dois primeiros livros com textos e ilustrações, *O Fio do Riso* e *Sangue de Barata*. Sua obra *Cenas de Rua* (1994) é a de maior destaque, publicada em diversos países. Algumas de suas obras foram lançadas primeiro no exterior, como é o caso de *João Felizardo*, o *Rei dos Negócios*, editado em 2006 no Brasil, após ter sido publicado no México em 2003.





O INÍCIO, O FIM E O MEIO

Quando o artista sabe a hora de parar ou continuar o seu fazer artístico?



Suzana Mesquita
Reportagem

Beatriz Carvalho
Fotografia

Sâmia Martins
Diagramação

Débora Oliveira
Ilustração

Não me incomoda nem um pouco o rótulo de ballet na terceira idade.

- **Celina de Araújo, 59,**
estudante de ballet

A dança não está no corpo, e sim na alma.

- **Renata Távora,**
professora de ballet

Eu acho que essa aula abriu portas para mais coisas boas na minha vida

- **Miriam Pinheiro, 64,**
estudante de ballet

Ciclos fazem parte da vida de qualquer pessoa, especialmente quando se trata de trabalho. A lei determina idades mínimas e máximas de aposentadoria aos trabalhadores. A arte, que é atemporal, paradoxalmente possui um tempo subjetivo quando se trata de quem a produz. A carreira de um artista pode durar até o fim de sua vida ou pode acabar no auge de sua juventude. Isso depende de diversos fatores físicos e, principalmente, psicológicos. No mais, cabe apenas ao indivíduo saber o seu momento de parar ou continuar.

A dança, uma arte que demanda muito do corpo, normalmente possui um tempo de aposentadoria precoce, se comparado a outros ofícios. O ballet, especialmente, possui graus de detalhamento e controle do corpo nos palcos que exigem uma carreira breve. É o caso de Madiana

Romcy, 57, bailarina desde os 10 anos. Formada em Educação Física na Universidade de Fortaleza, fez cursos de ballet em diversas escolas ao redor do mundo, como a *Centre de Dance du Marais*, em Paris, e a *Florence Academy*, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Segundo ela, os artistas possuem uma vida útil, e é necessário saber a hora de parar. “A técnica passa a não ser mais a mesma ao longo do anos”, diz.

Com uma calma e leveza típicas de uma bailarina, trata com naturalidade e alegria o momento em que decidiu se aposentar. Aos 40 ela já havia parado de dançar, mas 15 anos depois resolveu fazer sua última apresentação, no aniversário de 90 anos da escola do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A despedida teve um significado todo especial, pois foi a primeira vez que sua filha mais nova, de 13

anos, assistia um espetáculo executado pela mãe. Madiana pôde dizer adeus aos palcos com alegria, homenageando sua filha.

“Fazer arte significa expressarmos nossos sentimentos através do nosso corpo”, afirma. Apesar de ter parado de se apresentar, ela continua dando aulas na sua escola e como convidada em outras escolas ao redor do mundo, vivendo e renovando sua arte da maneira da melhor maneira que pode.

É o que também afirma a fisioterapeuta e professora de ballet Renata Távora. Para ela, diferente de Madiana, o dançarino não possui uma vida útil porque “a dança não está no corpo, e sim na alma”. Renata é professora de ballet “gold”, iniciada há alguns meses na Escola Madiana Romcy, localizada no bairro Meireles, em Fortaleza, e voltada especialmente para o público mais velho.

DANÇA NA TERCEIRA IDADE

Uma das estudantes dessa aula é Celina de Araújo, 59. Depois de quatro décadas sem exercitar a arte, a engenheira resolveu voltar para lembrar de sua juventude. No ensaio, parece confortável com os *pliés*, *tendus* e *voltus* ordenados pela professora. A sutileza no movimento dos braços e das pernas é o mesmo que se vê nas bailarinas mais jovens, assim como o nível de atenção. Para Celina, as vantagens desses passos também foram um dos motivos que a fizeram retornar à dança. “Não me incomoda

Fazer arte significa expressarmos nossos sentimentos através do nosso corpo.

nem um pouco o rótulo de ballet na terceira idade. O ballet alonga, dá flexibilidade”, destaca Celina.

Para Miriam Pinheiro, 64, a dança vai muito além de um exercício físico. Ela, que nunca havia feito ballet, diz que os últimos meses trouxeram uma transformação em sua vida. Aproveitando sua idade da melhor forma, ela fala com empolgação das amigas que conquistou na escola. “Eu acho que essa aula abriu portas para mais coisas boas na minha vida”, considera a estudante.

Renata diz o mesmo em relação aos benefícios físicos da atividade em idade mais avançada, que incluem melhorias na memória, coordenação motora e equilíbrio: “a dança desenvolve força muscular, flexibilidade, noção de esquema corporal, melhora a autoestima, a socialização, o bem estar... A pessoa se sente mais feliz”.

INÍCIO

1 Tirou aquele projeto parado da gaveta? Avance 2 casas!

2 Você está satisfeito com seu projeto e produção? Avance 1 casa!

3 Está conseguindo desenvolver seus personagens? Avance 1 casa!

4 **BLOQUEIO CRIATIVO.** Fique duas rodadas sem jogar.

5 Começou outra prática que lhe deu inspiração para projetos antigos? Avance 1 casa.

6 Conquistou um prêmio pelo seu trabalho? Avance 3 casas!

7 Está buscando bons arcos para sua história? Fique uma rodada parado.

8 Revise o trabalho! Volte ao início do jogo.

9 Editora decidiu que irá publicar sua obra? Avance 3 casas.

10 Continue caminhando

BLOQUEIO CRIATIVO

O traço que indica onde está o cursor no documento pisca na tela. O escritor encara aquele quadrado em branco e vê suas possibilidades esvaindo. Não só a viabilidade de iniciar uma nova narrativa, mas a possibilidade de continuidade de sua carreira. A trajetória de um artista pode ter fim também quando sua mente

decide parar de criar. O que pode ser apenas um bloqueio criativo pode se intensificar e tornar o que o jornalista e escritor espanhol Enrique Vila-Matas intitulou, no final do século XX, de Síndrome de Bartleby.

O nome surgiu do conto “Bartleby, o Escrivão”, do escritor norte-americano Herman Melville. Na história, o escrivão, que antes era proativo em seu trabalho, começa a “não querer fazer” as atividades que lhe são encarregadas. Ao longo da narrativa, Bartleby aplica isso a tudo em sua vida e morre de fome e sede por não querer mais se alimentar.

Vila-Matas cita em seu livro diversos autores que sofreram dessa síndrome, como o poeta Arthur Rimbaud, que desistiu da poesia para se tornar traficante de armas na África, o pintor Clément Cadou, que depois de conhecer seu ídolo sentiu-se tão inferior que parou de pintar, e o escritor Juan Rulfo, que perdeu a inspiração após a morte do tio que inspirou sua carreira.

Para a psicanálise, esse bloqueio pode ser explicado pelos conceitos de castração e inibição, criados por Sigmund Freud, para designar a angústia. Segundo o psicanalista Antônio Secundo, o processo é natural. “É um fenômeno que não acontece só com os artistas, mas com todo os seres humanos em algum momento. Há uma certa impossibilidade de se expressar, então o que ocupa o lugar da expressão humana é a angústia”, explica.

Se por um lado a angústia pode encerrar uma carreira, ela também pode servir de impulso para a volta da criatividade, através de técnicas e práticas pessoais. De acordo com Secundo, a análise é uma opção para que o artista expresse suas preocupações e encontre novos caminhos. No caso da literatura, existem práticas mais específicas ligadas ao bloqueio, como a prática da escrita criativa.

O escritor Mateus Lins, que lançou seu primeiro livro aos 17 anos, oferece, desde 2016, oficinas sobre o tema. Além de receber pessoas buscando novas ideias de narrativas ou que tem interesse em publicar livros, ele também ensina a como passar por bloqueios, orientando-as através de diversas técnicas.

Mateus, que diz já ter passados por diversos bloqueios pela ausência do exercício criativo devido à rotina, afirma que não existe um método totalmente correto ou eficaz, considerando a subjetividade da arte. “Quando você tem um bloqueio criativo, talvez a melhor opção seja parar e pensar em todas as possibilidades possíveis para sair daquela situação. Para prosseguir com alguma cena, você pode pegar uma folha em branco e escrever todas as possibilidades que podem sair daquela cena, por exemplo”.

Ele discorre sobre o caso de J. R. R. Tolkien que, no processo de escrever o best seller Senhor dos Anéis, passou um ano parado com um enorme bloqueio criativo, sem saber como finalizar sua história, mas conseguiu inspiração para escrever a trilogia.

Os caminhos na arte e na vida carregam uma subjetividade que nem sempre é compreendida. Lidar com o tempo e saber renovar a arte que se faz seja, talvez, o segredo para entender quando parar ou continuar. Para Miriam, aluna de ballet, renovar seu fazer artístico é viver sua vida da maneira mais plena possível. “Eu enfeito minha vida. Eu tenho muitos problemas, mas eu tento viver minha vida da forma mais feliz, de todas as maneiras que eu posso”.



“Quando você tem um bloqueio criativo, talvez a melhor opção seja parar e pensar em todas as possibilidades possíveis para sair daquela situação.”

- Mateus Lins, escritor



“Eu enfeito minha vida. Eu tenho muitos problemas, mas eu tento viver minha vida da forma mais feliz, de todas as maneiras que eu posso.”

- Miriam Pinheiro, estudante de ballet

“(Bloqueio criativo) é um fenômeno que não acontece só com os artistas, mas com todo os seres humanos em algum momento.”

- Antônio Secundo, psicanalista

O QUE RETRATA A ALMA

Carolina Mesquita
Ideides Guedes
Reportagem

Alexandre Valério
Ideides Guedes
Fotografia

Isabela Santana
Diagramação

Reinventada em diferentes momentos da história, a tatuagem aparece como ferramenta de linguagem artística na contemporaneidade

Eram quase onze da manhã quando observamos com um híbrido de curiosidade e cautela Laura Helena Pereira no Fortaleza Tattoo Expo, maior convenção de arte corporal do Norte e Nordeste, que aconteceu entre os dias 4 e 6 de maio no Centro de Negócios do Sebrae, na capital cearense. Magra, alta e bronzeada, com longos cabelos pretos num coque, envolto de uma bandana de caveiras, ela pertence à tribo que optou traduzir no corpo o que não cabe nas molduras de um quadro. É artista, tatua histórias.

“Você coloca para fora aquilo que você gosta, sente. Na verdade, você dá forma ao sentimento. Mostra realmente o que você é. Todas as tatuagens têm sua história, mesmo aquelas feitas de última hora, por amizade, seja lá o que for, você tem sentimento por aquilo que foi criado. É arte. É arte pura”.

É de Brasília, mas considera-se natalense. Morou por dez anos na capital potiguar, antes de tentar a vida na Cidade Maravilhosa. O pai é da marinha. Um espelho para a mulher de 43 anos, que busca uma forma de homenageá-lo através de uma nova tatuagem. “Penso em algo relacionado a código morse”.

A homenagem se tornará continuação de 27 das que já fizeram raízes em seu corpo. Não será mais ou menos importante que a da mulher-maravilha estampada na coxa direita, sonho de criança. “Sempre quis fazer uma. Lá em casa todos gostam dos desenhos da Marvel. Ela é um pouco de mim e eu um pouco dela. Foi um amigo que fez. Gosto que eles façam em mim o que gostam de tatuar”.

A amizade virou clientela. Fez sua primeira tatuagem na vizinha, aos 17 anos, que ficou esperando o material chegar, por três dias, pelos Correios. A garantia vinha dos estudos em revistas de desenhos, grafites e tatuagens que comprava nas viagens a Fortaleza. “Eu estava em Natal. Tínhamos muitas dificuldades. Quando o material chegou, foi uma festa. Ela e os três irmãos me cederam a pele para que eu pudesse aprender. Depois, 30 amigos viraram meus clientes”.

A escolha é pessoal. Pode desenhar ou criar. Mas, como está tudo moderno, os clientes usam a referência pela Internet, trazendo o desenho pronto. A partir disso, Laura coloca a identidade, o gosto e o estilo, concretizando o desejo. “Se a gente usar a referência completa, deixa de ser uma criação sua. É chato isso. Nenhum tatuador gosta. Ele gosta de sentar ao lado do cliente, debater e fazer”.

A obra que decora o corpo tem de ter significado para o dono do espaço, traçando narrativas. “Eu uso tudo o que a pessoa me fala para a criação da tatuagem”, conta. Porém, essa construção é coletiva. “Você acaba, dentro da história, mostrando outra coisa, um outro rumo. Normalmente, eles deixam a gente mais livre para ajudar a eles descobrirem qual estilo que se encaixa melhor”, complementa.

Laura sempre teve paixão por tatuagens. As referências, no entanto, mudaram ao longo dos 20 anos de profissão. Coloriu, amadureceu e deixou preto e branco. “Já trabalhei muito com



A tatuadora Laura Helena expressa sua arte na pele do filho de 16 anos

tatuagem colorida.. Mas a gente vai amadurecendo e vai gostando de outras coisas e vai estudando outros estilos e vai mudando de conceito”.

As ressonâncias *blackwork* — junção de pontilhismo com geometria — de sua obra e as influências no realismo foram absorvidas em suas frequentes visitas a Paris. De lá também herdou o gosto pelos desenhos que repudiam a artificialidade. “Você amadurece tudo na tatuagem. Você vai enxugando. Faz tudo com mais suavidade e colocando novidade”, conta.

Mesmo bebendo de fontes diferentes, seu trabalho escapa de qualquer rótulo. As tatuagens são retratos autobiográficos, revelando alma e mostrando tanto de si quanto do outro, uma definição do que é arte. “É uma arte completa. É um quadro que você pinta pelo resto da vida. A gente é pago para fazer aquele trabalho, mas a criação tem um valor sentimental enorme, pois a pessoa vai desfilhar com aquilo que você fez. É uma tela. O mesmo carinho que você tem para pintar um papel, uma tela, ou tecido. Está na alma”.

ARTE PUXA ARTE

A arte corporal também surge por meio de outras artes ‘mais tradicionais’. Dadá Mendes, 39, nome artístico com o qual se apresenta, começou a tatuar com o hábito de desenhar. “Um colega viu um desenho antigo meu e pediu para eu tatuar nele. Mas eu não sabia fazer tatuagem”. Seguindo as instruções do amigo, o desenho foi pintado. Na feira sobre arte corporal, Dadá é encontrado desenhando num bloquinho de papel, enquanto a maioria dos outros profissionais usam a pele como tela.

“Comecei a tatuar e passei uns três anos trabalhando com isso. Mas tive que parar por conta das dificuldades”. Nos anos 1990, o acesso a materiais de boa qualidade era limitado e caro. “Não tava dando pra sobreviver só tatuando, então eu deixei isso um pouco de lado e tive que procurar outro emprego”.

Conciliar a paixão com uma atividade que garantisse o sustento também não deu certo. “Ficava muito cansativo. E eu ainda estudava”. Após oito anos de um “tempo” no relacionamento com a arte

de tatuar, os dois reataram, dessa vez em tempo integral e de forma exclusiva. “Hoje tenho meu estúdio no Centro e vivo somente disso. As coisas estão mais fáceis de ter acesso, mais baratas também”.

O processo de criação do artista acontece a partir de referências trazidas pelo cliente. “A gente pesquisa, pega alguma coisa de uma figura, outra coisa de outra e monta, dá um toque diferente para não ficar muito igual”. Mendes afirma que todo artista quer fazer algo diferente e admite que é meio chato quando a pessoa chega com o desenho já pronto para somente ser reproduzido. “Tem gente que chega com a arte pronta e que não tem jeito, tenho que fazer exatamente igual. Mas criar do zero também é mais difícil e complicado”.

Apesar de na maioria das vezes pegar algo da Internet, Dadá cobra mais caro quando o cliente

não traz a imagem pronta e ele precisa criar. “Hoje estão trabalhando muito com preto, cinza e branco, mas eu não tenho preferência por preto e branco ou colorido. Trabalho com o que o público quer”. Ao mesmo tempo que diz que não tem preferência de estilo, Dadá mostra três pinturas em tela com a mesma referência, que ele chama de oriental.

“Acho que toda tatuagem é arte. Mas claro que tem aqueles que estão começando e às vezes já pega uma pele e não fica muito legal. Mas no meio profissional, tudo que é feito é arte”. Destacando-se pela pele limpa entre os colegas de profissão, Mendes só tem uma tatuagem, feita há 15 anos. “É por questão de família, acredita? Eu fiz essa e meus pais não gostaram. Então em respeito a eles não fiz mais nenhuma. Às vezes até tenho vontade de fazer alguma, mas não concretizo”.

I FORTALEZA EXPO TATTOO

A tatuagem tem se popularizado exponencialmente nos últimos anos, aquecendo o mercado. O tatuador Moacir Teixeira Júnior, conhecido como Jr. Animal, afirma que há um crescimento do setor de 200% ao ano mesmo com a crise. Um dos idealizadores do I Fortaleza Expo Tattoo, que ocorreu em maio deste ano, Animal revela que o evento reuniu 150 profissionais das cinco regiões do País, além de bolivianos e argentinos.

“Fortaleza estava precisando de um evento como esse. Se formos analisar, as demais capitais do Nordeste, veremos que todas possuem feiras sobre tatuagens. Em nossa primeira edição, no entanto, já somos a maior da região em número de stands - foram 95”. Ele revela que a intenção era colocar Fortaleza no roteiro das grandes convenções do Brasil, objetivo que foi alcançado. “Nós temos tido muito repercussão e as chances de trazermos artistas da Europa no próximo são muito grandes”.

A capital cearense já tinha recebido um evento sobre arte corporal no início dos anos 2000. “Em 2003, a Associação de Tatuadores e Piercers do Ceará (ATP-CE), da qual eu fazia parte da diretoria, organizou o primeiro Fortattoo. O evento se repetiu em 2004 e 2005. Atualmente, a associação não existe mais juridicamente”, explica Animal.